

As aves maranhenses do manuscrito (1625-1631) de Frei Cristóvão de Lisboa

David C. Oren

Departamento de Zoologia, Museu Paraense Emílio Goeldi/CNPq, Caixa Postal 399, 66040 Belém, PA, Brasil

Recebido em 21 de fevereiro de 1989; aceito em 1º de junho de 1989

ABSTRACT. The birds of Maranhão, Brazil, contained in Frei Cristóvão de Lisboa's manuscript of 1625-1631. The codex *History of the animals and trees of Maranhão*, written by the capuchin missionary Frei Cristóvão de Lisboa between 1625 and 1631 in São Luís, contains 68 drawings of birds accompanied by short texts on separate pages. This paper identifies these drawings with the objective of providing a basis for a more comprehensive analysis of the avifauna of Maranhão. By combining information from the drawings and texts, it was possible to identify all except one of the drawings, 65 to species (representing 63 distinct taxa), and 3 to generic level. This study demonstrates the work of Frei Cristóvão to be of great scientific value, confirming the Portuguese missionary's codex as one of the most important works of its time on the natural history of Brazilian birds.

RESUMO. O manuscrito *História dos animais e árvores do Maranhão*, escrito entre 1625 e 1631 em São Luís pelo capuchinho Frei Cristóvão de Lisboa, contém 68 desenhos de aves acompanhados por pequenos textos em folhas separadas. O intuito do presente trabalho é a identificação científica destas aves a fim de fornecer subsídios para uma análise remissiva da avifauna maranhense. Através do exame das informações nos desenhos e textos, foi possível identificar todas as aves menos uma, 65 a nível de espécie (as 65 representando 63 taxa distintos), e 3 a nível de gênero. O estudo aqui apresentado mostra o alto valor científico do trabalho de Frei Cristóvão, confirmando o códice do missionário português como um dos mais importantes documentos de história natural ornitológica do Brasil da época.

Entre os documentos históricos que tratam da história natural do Brasil colonial, o códice *História dos animais e árvores do Maranhão*, escrito entre 1625 e 1631 pelo missionário capuchinho Frei Cristóvão de Lisboa durante sua estadia em São Luís do Maranhão, é um dos mais importantes. Até hoje existe a tendência sem fundamento de menosprezar o valor científico deste trabalho, que só foi publicado em 1967, com notas, prefácio e estudos por diversos autores portugueses (Cristóvão de Lisboa 1967). Em 1985 a Alumar, empresa de alumínio instalada na ilha de São Luís, publicou nova edição fac-similar das pranchas em formato reduzido e capa mole, com os textos em ortografia moderna.

As primeiras informações sobre aves maranhenses aparecem no capítulo 39 do trabalho do capuchinho francês Claude d'Abbeville *Histoire de la mission des pères capucins en l'isle de Maragnan et terres circonvoisines* (d'Abbeville 1614). Neste livro são descritas em texto 61 espécies. O tradutor brasileiro deste relato, Capistrano de Abreu, embora "o mestre sem par" (Garcia 1975) em muito do que fez, não era ornitólogo e suas identificações, colocadas

como notas de rodapé na edição mais recente da tradução, freqüentemente são equivocadas.

O trabalho de Cristóvão de Lisboa mostra vantagens sobre o do francês e oferece melhores condições para a identificação científica das espécies descritas, por ser acompanhado por desenhos. Embora classificados como "rudes" por Sick (1985), os 68 desenhos de aves em 36 folhas de códice (de um total de 194 folhas, 163 das quais com desenhos em nanquim), junto com as curtas descrições que as acompanham, possibilitam a identificação segura de quase todos. Uma única espécie de ave foi descrita em texto sem desenho correspondente. Frei Cristóvão foi um perspicaz observador da natureza, em geral. Seus desenhos de plantas, peixes, répteis e aves impressionam pela fidelidade ao modelo. Na parte do códice sobre aves, na maioria dos casos ele transmite corretamente os desenhos de formato do pé, das cores da plumagem e do bico, do número e aspecto dos ovos, entre outros. A atenção aos detalhes anatômicos em desenhos como o da piaçoca, *Jacana jacana*, e do tucano, *Ramphastos tucanus*, é admirável, e estas folhas chegam ao nível de arte.

Frei Cristóvão se preocupou mais em relatar as aves que despertariam interesse em seus compatriotas em Portugal. É certo que o missionário fez excursões para caçar, e as aves que foram alvo destas atividades estão entre as mais bem descritas do códice. São muitas as referências à comestibilidade (“é muito bom comer”), a plumas que poderiam ser usadas “pelos fidalgos”, e ao papel das aves na vida dos índios, denominados de “negros” por Frei Cristóvão, certamente pelo uso indígena de pintura corporal à base de genipapo, que tingia a pele de preto.

O códice antecede em quase duas décadas a publicação do célebre trabalho de Marcgrave (1648), que acompanhou Maurício de Nassau-Siegen durante a ocupação holandesa do Nordeste do Brasil. O trabalho de Georg Marcgrave inclui 174 espécies de aves, 149 das quais foram identificadas na mais recente e exaustiva análise de toda a iconografia ornitológica produzida durante o chamado “período mauriciano” (Teixeira 1986). Teixeira teve acesso a todos os desenhos ainda existentes que foram feitos pelos artistas acompanhantes das expedições holandesas, e conseguiu fazer um estudo com mais subsídios do que seus três antecessores na identificação científica das aves de Marcgrave: Lichtenstein (1819), Schneider (1938) e Pinto (1942). Em comparação com o trabalho de Marcgrave, o de Frei Cristóvão é mais modesto, mas não menos valioso. Pelo exame detalhado dos escritos de Marcgrave, podemos ver que ele priorizou a descrição pormenorizada dos aspectos físicos da ave, como se tivesse um exemplar (morto ou em cativeiro) diante dele enquanto escrevia. Informações ecológicas, comportamentais, e outros dados biológicos no trabalho marcgraviano, ou faltam, ou soam como informações de terceiros, dificilmente sendo baseados em experiência própria de campo. Em contraste, o exame dos escritos de Frei Cristóvão revela uma pessoa que andava no campo, via a maioria dos animais e plantas em seu estado natural e que trabalhou para transmitir para Portugal estes dados, que havia colhido pessoalmente. O contraste entre Marcgrave e Frei Cristóvão é mais do que uma simples diferença de estilo: mostra profundas diferenças de índole e de metodologia.

Frei Cristóvão escreveu geralmente sem pontuação, em frases separadas pela palavra “e”, ou sem separação. Utilizamos aqui a ortografia moderna em citações diretas dos textos do códice, para facilitar sua leitura.

O zoólogo português Frade (1984), especialista em vertebrados africanos, experimentou identificar as aves de Frei Cristóvão (até o nível de subespécie!), mas teve sucesso apenas parcial por desconhecer pessoalmente a avifauna maranhense. Frade fundamentou seu trabalho basicamente na escassa literatura sobre a avifauna maranhense, em especial Goeldi (1894), Pinto (1938, 1944, 1964), Santos (1952) e

de Camargo (1957). Pinto (1979) fez breve comentário sobre as 25 espécies “cuja identidade pode ser apurada com segurança”. Aqui fazemos comentário sobre todas as aves do códice, identificamos todos os desenhos e textos, e tratamos dos trabalhos anteriores específicos de Frade e Pinto. Para economizar espaço, fazemos citações simples do nome do autor ao referir a estes dois trabalhos, evitando o uso interminável de “Frade (1984)” e “Pinto (1979)” neste presente artigo. As pranchas de espécies de aves incluem todos os números 74 e 109 do códice. Frei Cristóvão dividiu a seção do códice sobre aves em duas partes, a primeira (desenhos das folhas 74 e 81) e textos das folhas 184 a 187) sendo “pássaros que andam ao longo do mar e lagos e rios de água doce assim os que são bons de comer e outros que são honrados pelas penas” e a segunda (desenhos das folhas 88 a 109 e textos das folhas 188 a 194) sendo “pássaros que estão pelos matos e campinas.”

FOLHA 74

Desenho único de “toyeaiu”; texto na folha 184 sob a denominação “teieiu”.

Facilmente identificável como o tuiuiu ou jabiru dos brasileiros de hoje, este é *Jabiru mycteria*, como já afirmado por Pinto e Frade.

FOLHA 75

Desenho único de “jaboru”; texto na folha 184.

Identificado por Pinto e Frade como *Mycteria americana*, o popular cabeça-seca ou passarão, opinamos com a qual concordamos.

FOLHA 76

Desenho único de “maguari”; texto na folha 185 sob a denominação “maguarim”.

A espécie ainda leva este nome entre os populares; é a bem conhecida *Ardea cocoi*.

FOLHA 77

Desenho único de “guratinga osu”; texto na folha 184 sob a denominação “guratinguaosu”.

Aqui dependemos mais da descrição no texto do que do desenho. Somos informados de que a ave é completamente branca, do tamanho de um maguari, porta penas especiais entre as costas, põe de três a quatro ovos de cor verde-mar. Não dá margem para erro com esses detalhes: trata-se da garça-branca-grande, *Casmerodius albus*.

FOLHA 78

Dois desenhos, de “guratingua mirim” e de “acara obu”; textos na folha 185 sob as denominações “guratinguamerim” e “acara obu”.

A primeira ave é a garça-branca-pequena dos populares, *Egretta thula*.

A segunda ave é descrita como sendo completamente cinza, do tamanho da garça-pequena, pondendo dois ovos azuis e possuindo “penachos” menos finos do que os da garça. Ihering (1941) assinala o nome

“acara-tinga” como uma denominação amazônica para a garça-branca-pequena. Como tinga é o tupi para branco, e “obu” ou “obi” significa cinzento ou verde na mesma língua, “acara-obu” seria a garça-cinzenta-pequena. Com isso, não hesitamos em concordar com Frade de que a identificação correta desta espécie é *Florida caerulea*, ave bastante conhecida na maior parte do território brasileiro.

FOLHA 79

Dois desenhos, de “migua” e de “ayapa”; textos na folha 185 sob as denominações “migua” e “aia-pa”.

Por ser uma boa descrição de *Anhinga anhinga*, o bigua-tinga dos populares, repetimos aqui o texto sobre o “migua” em ortografia moderna:

Migua é um pássaro tamanho como um grande cão pardo pela barriga e pelo pescoço e pelas asas preta e branco por baixo e as pontas das asas e o rabo preto eles andam sempre na água nadando e com o corpo de baixo de água e o pescoço fora de água...

O “ayapa” é facilmente identificável como o único representante da família Phalacrocoracidae no Maranhão, o biguá, *Phalacrocorax olivaceus*. Frade identificou corretamente esta ave, mas Pinto identificou a ilustração erroneamente como sendo do arapapá, *Cochlearius cochlearius*, certamente pela semelhança entre os nomes ayapa e arapapá. O desenho de Frei Cristóvão, porém, mostra o bico com gancho na ponta e todos os dedos do pé ligados por membrana, características marcantes do biguá e inexistente no arapapá. Ademais, o texto afirma comportamentos bem conhecidos do biguá:

... é um pássaro mais guloso que se pode ver que não descansa até que não tem a barriga cheia e então se vai por em riba de um pau com as asas abertas e o bico ao vento para esmoer mais depressa o peixe que ele tem comido...

FOLHA 80

Três desenhos, dois de “ayaia” ou “colherereira” e um de “atyasu”; textos na folha 185, sob as denominações “agaga” e “atiasu”.

Concordamos com Pinto e Frade, que identificaram o “ayaia” como sendo o popular colheiroiro, cujo nome científico é derivado diretamente do tupi: *Ajaia ajaja*. No texto Frei Cristóvão descreve com exatidão os ovos da espécie, que “são brancos pintados de vermelho”.

Considerando a facilidade de reconhecer o “atyasu” como o corta-mar dos populares, é curioso que Pinto não tenha tentado identificar a espécie. Concordamos plenamente com Frade de que se trata da ave *Rynchops nigra*, com seu bico singular, uma espécie “tamanho como uma pomba quando vão avoando por riba de água leva o bico aberto tomando peixe as costas desde a cabeça até o rabo é preto e as pontas das asas e pela barriga branco...”

FOLHA 81

Dois desenhos, de “upeca” e de “potori” ou “marreca”; textos na folha 185 sob as denominações “upeqwa” e “poteri”.

Pela descrição no texto, o “upeca” corresponde perfeitamente ao pato-bravo dos populares, *Cairina moschata*, espécie selvagem já em fase de domesticação pelos índios quando os europeus aqui desembarcaram. Jensen (1988) cita “ypekawato” como o nome dos índios Sateré, do tronco tupi, para esta ave, reforçando nossa convicção, compartilhada com Pinto e Frade.

Para desvendar a identidade do “poteri”, exige-se o texto correspondente na íntegra:

O poteri quer dizer marreca e há de três castas como em Europa e há pouca diferença na cor e feitio senão terem o rabo mais direito que as da nossa Europa e tem muito grande quantidade que a terra onde elas fazem mais aceitação toda está coberta que a mim me aconteceu de um tiro matar trinta e três fora as que escaparam que comeram as piranhas e é um pássaro tão gordo que não se podem assar e é muito bom comer.

Pela descrição de “três castas” fica claro que a pretensão do desenho é representar, em uma única forma, todas estas “castas”. Conforme nossa experiência pessoal, reforçada pelo trabalho recente de Roth e Scott (1987), as três espécies mais comuns de marreca nos alagados do Maranhão são *Dendrocygna viduata*, *D. autumnalis*, e *Amazonetta brasiliensis*. Frade julgou que o desenho representasse “*Nomonyx*” (= *Oxyura dominicus*, espécie de anátídeo que é muito rara e pouco conhecida no Maranhão, não forma grandes bandos, é considerada “among the most inconspicuous and secretive of all ducks” (Todd 1979:306) e, dificilmente, seria tão abundante a ponto de um freire conseguir matar 33 com um só tiro. As “três castas” certamente não abrangem a espécie indicada por Frade. Portanto, indicamos as três espécies comuns de marreca do Maranhão citadas acima como objeto do desenho.

FOLHA 82

Dois desenhos, de “guarauna” e de “avapeasoca”; texto na folha 186 sob as denominações “guarahū” e “auapessoca”.

“Guarauna”, quer dizer “fbis escuro” em tupi. O desenho é acompanhado por uma pequena mas informativa descrição no texto:

Guaranū é passáro tamanho como uma galinha pequena e todo verde e preto e é bom comer e faz três filhos e faz em riba das árvores seus ovos são pintados de preto.

Pelo desenho de uma ave de bico decurvado, é claro que se trata de um fbis. A única espécie “toda verde e preto” da região é *Mesembrinibis cayennensis*, o coró-coró, que possui plumagem quase preta com reluzes metálicas em tons de verde. Pinto e Frade, incompreensivelmente, identificaram este desenho como sendo de *Plegadis falcinellus chihi*, forma

de fbis nunca registrada para o Maranhão. Ademais, esta última põe ovos verdes imaculados, enquanto *Mesembrinibis* põe ovos "verdes com pequenas manchas escuras" (Sick 1985:179). Por também ser uma ave bastante comum nos banhados maranhenses atualmente, não hesitamos em retificar a identificação do "guarauna" para *Mesembrinibis cayennensis*.

A "avapeasoca", só pelo desenho, é, sem sombra de dúvida, a piaçoca dos amazônidas, *Jacana jacana*. O texto acrescenta detalhes que sustentam ainda mais esta posição, que é, aliás, a mesma de Pinto e Frade.

FOLHA 83

Dois desenhos, de "caran" e de "totui"; texto na folha 186 sob as denominações "carão" e "toitoy".

O desenho do "caran", em combinação com o nome da ave, não deixa margem para dúvida, pois trata-se do popular carão, *Aramus guarauna*, conclusão também de Pinto e Frade.

Quanto ao "totui", temos um desafio muito maior. Frade, apesar da falta de concordância com o desenho, identificou a espécie como *Charadrius collaris*, um pequeno e pouco abundante maçarico presente em praias de água doce e salgada do Maranhão. Esta colocação destoa com o desenho e com as informações do texto.

Toitoy é pássaro tamanho como um tentilhão e é pardo tira de branco pela barriga e há muito grande quantidade ao longo do mar e ilhas e quando o tempo quer chover voam em bandos que todo o céu parece que está coberto e é pássaro muito gordo e bom comer eles fazem os filhos ao longo do mar na costa mas eu não os vi nunca.

Pela descrição, em especial a abundância "quando o tempo quer chover", e o fato de Frei Cristóvão nunca ter visto filhotes da ave, podemos supor que o "toitoy" seja um maçarico migratório. A época chuvosa no Maranhão corresponde aos meses de dezembro a maio, período de internada e migração rumo ao norte de grande número de indivíduos de maçaricos do gênero *Calidris*, que se reproduzem no hemisfério norte. Segundo Novaes (1981) e Morrison *et al.* (1987); as espécies deste gênero mais abundantes como migrantes nas costas paraense e maranhense são *C. alba*, *C. pusilla*, *C. minutilla* e *C. fuscicollis*. É um desafio, mesmo para especialistas em aves costeiras, distinguir entre as diversas espécies do grupo, por isso duvidamos que Frei Cristóvão pudesse considerar as pequenas diferenças que as separam. Concluímos, então, que "toitoy" abrange as diversas espécies de maçarico do gênero, e identificamos o desenho como sendo de *Calidris* spp.

FOLHA 84

Dois desenhos, de "ovarianman" e de "guara"; textos na folha 187 sob as denominações "guariama" e "guoara".

O "ovarianman" agarrando um peixe no bico,

"pardo cor de cinza... fazem os filhos em buracos na terra ao longo do rio..." é o martin-pescador ou ariramba dos populares, *Ceryle torquata*, como já afirmado por Pinto e Frade.

"O guoara é pássaro tamanho como uma galinha vermelho como gram por todo o corpo..." e que foi identificado pelos dois estudiosos como *Eudocimus ruber*, espécie que ainda leva esse nome entre os brasileiros. Concordamos com esta identificação.

FOLHA 85

Desenho único de "tamatian"; texto na folha 187.

A ilustração e o texto dão muitos subsídios para desvendar a identidade desta ave:

Tamatian nome de negro é um pássaro do tamanho de uma galinha de cor cinzenta e o bico preto e pluma da cabeça é branca e tem uns sinais brancos a modos de orelhas também brancos os olhos são a modo de cor laranjado os pés amarelos criam três e quatro filhos e os ovos são de cor verde-mar e serve para comer tem plumas pequenas pardas.

Todos estes dados conduzem à identificação do "tamatian" como sendo a garça savacu-de-coroa, *Nyctanassa violacea*, comum nos mangues maranhenses, conclusão igual à de Frade.

FOLHA 86

Dois desenhos, de "arasary" ou "arasari tocana", e de "ouyta opian" ou "guahi tocana"; textos na folha 187 sob as denominações "arasarij" e "apiha" ou "guahi".

O bonito desenho do "arasary" mostra muitos detalhes anatômicos de destaque que ajudam a identificar a espécie. Frade determinou esta ave como *Pteroglossus aracari*, espécie presente no Maranhão, mas que não concorda com os pormenores do desenho, nem do texto, que segue:

Arasarij é uma ave do feio de tocana tem o bico grande amarelo pela parte de cima e de baixo branco e preto a cabeça até junto aos encontros das asas é de cor rosada e daí e mais corpo é amarelo cor e as asas e rabo e pernas têm a cor preta a modo de verde e o fim do rabo é muito vermelho e o mesmo a redondeza dos olhos cria em buracos que faz em paus os ovos são brancos.

No desenho, a distribuição de tons claros e escuros no bico "amarelo pela parte de cima e de baixo branco e preto" e o fato de ser "muito vermelho... a redondeza dos olhos" só conduzem à conclusão da ave ser *Pteroglossus bitorquatus*, espécie de araçari bastante comum nas florestas remanescentes do oeste do Maranhão. Pinto chegou a esta mesma identificação.

Quanto ao desenho de "ouyta opian" ou "guahi", Pinto não opinou e Frade o identificou como uma pequena espécie de tucano do gênero *Selenidera*. Realmente, o nome "guahi" está associado à palavra "tocana", mas o desenho não representa espécie alguma de tucano. A atenção de Frei Cristóvão aos detalhes do pé e do bico, entre outras partes do

corpo, era admirável. Podemos ver no desenho do "arasary" a disposição típica dos dedos do pé dos tucanos, a chamada condição "zigodáctila", com dois dedos (o segundo e o terceiro) direcionados para frente e dois (o primeiro e o quarto) para trás. O "ouyta opian" ou "guahi", em contraste, mostra três dedos direcionados para frente e um para trás (a condição "anisodáctila"). Mesmo com a menção da palavra "tocano", não aceitamos a classificação desta ave entre os ranfastídeos. O desenho, de fato, é uma excelente representação do macho adulto do vulgo anambé-branco-de-rabo-preto, *Tityra cayana*, de distribuição ampla no Maranhão. O texto sobre o "guahi", porém, nos leva a uma outra conclusão:

Guahi é um pássaro da grandeza de uma pomba de cor preta salvo a barriga até a cabeça cor branca com umas tiras vermelhas as pontas das asas são amarelas e a pena de baixo vermelha e o rabo preto as pernas a modo de cor azul o bico é grande de cor amarela salvo o princípio que começa da cabeça que é vermelho e por baixo azul e por cima os olhos azuis.

Aqui, Frei Cristóvão faz uma excelente descrição do tucano-de-papo-branco, *Ramphastos tucanus*, objeto do desenho da próxima folha (87). Ademais, o texto seguinte ao do "guahi" é como segue:

Apiha é uma ave da grandeza de uma méloa tem a cabeça e as asas e rabo preto e o mais corpo cor branco bico de cor rosado e os olhos e a ponta do bico é pardo...

Esta é uma boa descrição do macho de *Tityra cayana*, o que reforça nossa posição quanto à identificação do desenho da parte inferior da folha 86. Chegamos, então, à seguinte conclusão: o religioso, provavelmente algum tempo depois de ter feito os desenhos e textos, voltou às folhas para acrescentar os nomes indígenas. No caso do "guahi" e do "apiha" no texto, cometeu um lapso, pois certamente o "guahi" é o tucano da folha 87 e "apiha" é o anambé da folha 86.

FOLHA 87

Desenho único de "vacho" ou "tocano"; texto sob a denominação "guahi".

Este desenho é uma linda representação do tucano-de-papo-branco dos populares, *Ramphastos tucanus*, ainda encontrado nas regiões florestadas do Maranhão. Frade chegou à mesma conclusão, embora citando o nome antiquado de *Ramphastos* (sic) *monilis* para a espécie.

FOLHA 88

Desenho único de "hema yandu"; texto na folha 188 sob a denominação "yamdu".

Concordamos com a conclusão de Pinto e Frade: esta é a popular ema, *Rhea americana*.

FOLHA 89

Desenho único de "guraasu ou gavião"; texto na folha 188 sob a denominação "gurausu".

Frade identificou esta ave como sendo o gralhão

ou cã-cã dos populares, *Daptrius americanus*. Não podemos concordar com esta conclusão, que destoa do desenho e do texto:

O guraasu é um gavião e é tamanho como um pequeno peru e todo pardo e tem os pés de um grande palmo e tem as unhas muito grandes e mata veados e outros bichos ele não faz mais que um filho e o ovo é branco e os negros os estimam muito para fazer suas frecharias e são raros.

Não hesitamos em identificar a espécie descrita como o gavião-real ou uiraçu dos brasileiros, *Harpia harpyja*, a mais poderosa e impressionante ave de rapina do Maranhão. É verdade que a ave ilustrada não mostra crista alguma na cabeça, uma característica marcante do gavião-real, mas podemos supor que Frei Cristóvão nunca tivesse visto a espécie viva ("são raros"), baseando-se em relatos e espécimes parciais para fazer sua descrição (ele considerou notável o tamanho do pés e das unhas, tendo talvez recebido as garras e os pés de um exemplar abatido).

FOLHA 90

Dois desenhos, de "motum", e de "cara copitangua"; textos na folha 188 sob as denominações "motum" e "caraquopitam".

Embora o desenho de "motum" represente apenas a fêmea (o macho sendo retratado na parte inferior da folha 109), o texto trata de ambos os sexos:

O motum é pássaro tamanho como um peru tem um penacho em riba de cabeça... ele é preto fora a barriga que é branca e a ponta do rabo e tem o bico pardo e os olhos amarelos e a fêmea tem o penacho pintado de branco e tem a barriga parda tirando de amarelo eles são sempre em companhia macho e fêmea...

Pinto e Frade já decifram estas informações para identificar facilmente a descrição como sendo de *Crax fasciolata*, o mutum-pinima dos populares, posição que apoiamos plenamente.

O "cara copitangua" tem este nome riscado na folha e substituído por "saracopitanga". Pelo desenho, de uma ave com um bico comprido, pernas compridas e todos os quatro dedos bem desenvolvidos, achamos que se trata de uma espécie de Rallidae. De fato, a maioria dos membros desta família no Brasil leva o nome "saracura" entre os populares. "Pitang" ou "pitanga" seria vermelho em tupi e, então, a "saracopitanga" seria "o ralídeo vermelho (a saracura-três-potes, *Aramides cajanea* (?)). Pelo texto, porém, chegamos a uma outra conclusão:

Caraquopitam da cor de uma perdiz e do tamanho e tem o bico e os pés pardo tirando de verde e é um pássaro muito bom comer tão bom como a perdiz e melhor fazem quatro e cinco filhos e fazem no chão os filhos os ovos são rosados e tem o bico e ao longo verde.

Aramides aproxima o tamanho de um perdiz, mas apresenta pernas avermelhadas e não põe ovos rosados. Pelo texto concluímos que Frei Cristóvão está descrevendo uma espécie de Tinamidae, opinião também de Frade, que a determinou como

Rhynchotus rufescens. Esta espécie é uma boa candidata para a identificação da ave do texto, como também são *Crypturellus soui* e *C. undulatus*, todas espécies presentes na região de São Luís, cujos ovos podem ser caracterizados como "rosados". Os próprios índios do tronco tupi no Maranhão usam atualmente palavras semelhantes que se iniciam com "sarak-" para diversas espécies de Rallidae e Tinamidae da região, indicando que eles consideram estas aves "parentes próximos", (Balée e Oren ms.). Dos três candidatos de Tinamidae, somente *C. soui* e *C. undulatus* conformam-se ao texto, pois possuem tarso esverdeado, e são chamados de "saraka'i" por índios tupi de hoje. Apesar do desenho exagerar o tamanho do hálux da ave, concluímos que "saracopitanga" engloba estas duas espécies do mesmo gênero.

FOLHA 91

Três desenhos, de "jacu", de "aracoam" ou "caracoam", e de "tinguara"; textos na folhas 188 ("iaqu") e 189 ("aracoam" e "tinguara").

O "jacu" de Frei Cristóvão certamente se refere à espécie *Penelope superciliaris*, a mais comum em todo o território maranhense. Existe, também, *P. pileata*, mas esta é uma ave relativamente rara que exige matas densas de terra firme, já difíceis de encontrar na região de São Luís quando os franceses chegaram lá (d'Abbeville 1614). Em contraste, *P. superciliaris* tolera bem as capoeiras e outras vegetações mais ralas, além de habitar, também, as matas densas. Por isso, concordamos com Frade, que já identificou o "jacu" como correspondente a esta espécie, que, do mesmo modo que todos os membros desse gênero, ainda é chamada por este nome entre os populares.

Pinto identificou o "aracoam" como sendo membro da espécie *Ortalis superciliaris*, posição que apoiamos, pois é o único aracuã (nome popular ainda usado) da região de São Luís. *O. superciliaris* é considerado hoje subspecie de *O. motmot* (Delacour e Amadon 1973, Blake 1977), que seria, então, o nome atualizado da espécie encontrada no Maranhão. Frade errou quando tentou identificar esta ave como *O. guttata*, que não existe em ponto algum do Maranhão.

O "tinguara" revela sua identidade facilmente pelo desenho, o que é reforçado no texto:

Tinguara é pássaro da grossura digo tamanho como um canarinho todo preto fora a coroa da cabeça que tem vermelho em riba do pescoço azul cor de seda e tem os pés e o bico pardo e fazem dois filhos e os ovos são brancos ele canta uma cantiga que é gosto ouvi-lo.

Pinto fez a identificação correta deste pássaro, colocando-o na espécie de piprídeo *Chiroxiphia pareola*, o tangará dos populares. O indivíduo no desenho é um macho adulto, pois a fêmea da espécie é toda verde. Frei Cristóvão transmite uma idéia falsa que ainda é de grande difusão entre a população, ao

afirmar que o tangará canta bem. Suas vocalizações são fracas, mas a beleza da plumagem do macho conduz as pessoas a imaginar que possui voz correspondente, o que é uma conclusão falsa. Curiosamente, Frade não identificou esta espécie no seu trabalho.

FOLHA 92.

Dois desenhos, de "japihi", e de "opecu"; textos na folha 189 sob as denominações "yapehi" e "opequ".

O "japihi" é ilustrado numa árvore onde dois ninhos em forma de sacos estão pendurados. O texto afirma que

Yapehi é pássaro como uma méloa e todo preto fora metade das asas e sobre a rabadiha e a metade do rabo que é de amarelo-torrado tem o bico e os pés como brancos ele faz seus filhos dependurados nos paus a modo num saco pequeno faz três filhos e os ovos são brancos pintados de pardos e fazem muitos os ninhos juntos num pau e é pássaro que quando ele é manso fala.

Concordamos com Pinto, que identificou este desenho como sendo do popular japiim ou xexéu, *Cacicus cela*. Com todos os dados claros e o excelente desenho, não compreendemos por que Frade não arriscou uma tentativa de identificar este pássaro.

Segundo Frei Cristóvão,

Opecu é um pássaro maior que uma méloa tem a cabeça vermelha pelo papo e as asas e o rabo preto e em riba das costas branco a barriga branca raiada de pardo tem os pés e o bico pardo cor de cinza e via trepando pelos paus e vai picando neles que não parece senão tarapina que cortam madeira e mais tiram mel dos paus eles fazem seus filhos em buracos dos paus e fazem dois filhos e os ovos são brancos.

Nem Pinto, nem Frade apresentaram identificação para esta espécie de pica-pau de porte grande. Das espécies maranhenses que se conformam à descrição e ao desenho, existem apenas dois candidatos: *Dryocopus lineatus* e *Campephilus melanoleucos*. O primeiro possui garganta branca, o que distoa da descrição "pelo papo e as asas e o rabo preto..." Esta espécie, além disso, exhibe o vermelho na cabeça e o branco nas costas mais reduzidos do que o desenho, conduzindo-nos à conclusão de que o "opecu" é a segunda espécie, *C. melanoleucos*, que possui todos as características do desenho. Ihering (1941) informa que "ipecu" é ainda um nome amazônico para certas espécies de pica-pau.

FOLHA 93

Dois desenhos, de "toquana" e "vreve tocano"; textos nas folhas 189 e 190 sob as denominações "tocano" e "vreve".

Frade identificou o primeiro destes desenhos como sendo da espécie *Ramphastos vitellinus ariel*, posição que apoiamos. O texto merece ser reproduzido aqui por sua fiel descrição desta ave:

Tocano é um pássaro tamanho como uma franga ou maior e tem o bico muito grande em comparação do corpo do bico até ao rabo preto e do bico até o estômago amarelo e pela borda do amarelo vermelho e o mais corpo preto e o longo dos olhos sem pena e cor de carne e o bico preto e pegado ao bico um raio de amarelo é um honrado pássaro desta terra e faz seus filhos em buracos dos paus e fazem seus filhos digo fazem dois filhos e os ovos são brancos.

Pinto não tentou identificar este desenho, nem o próximo.

Frade identificou o "vrepe" como *Rhamphastos* (sic) sp., idéia que não é sustentável frente às informações do texto:

Vrepe é como o tocano mais é um pouco mais pequeno e é verde desde a cabeça até ao rabo e pela banda de baixo do bico até ao rabo e pela banda de baixo do bico até o estômago amarelo cor de ouro e o rabo é verde tira de preto e o bico raído de branco como amarelo e pela banda de dentro do bico vermelho e tem a língua muito estreitinha que se parece como uma pena e se tira muito comprida eles são dois dos mais formosos pássaros que há nesta terra e eu creio que Deus tomou prazer a os fazer.

O fato do "vrepe" ser descrito como verde coloca a espécie no gênero *Pteroglossus*, não em *Ramphastos*. Dos membros de *Pteroglossus* do Maranhão, a espécie que junta todas as características do desenho e do texto é *P. aracari*, que é apenas um pouco menor que certos *Ramphastos*, possui uma "banda... vermelha" e um bico com listras conforme o desenho. *P. inscriptus* é demasiadamente pequena e com bico apresentando um padrão bem diferente do do desenho, enquanto *P. bitorquatus* possui o peito vermelho, não amarelo. Por essas razões, concluímos que o "vrepe" representa *Pteroglossus aracari*, o araçari-minhoca dos populares, bastante conhecido por todo o território maranhense.

FOLHA 94

Dois desenhos, de "guaraasu" e "atyasu"; textos na folha 190 sob as denominações "hurauasu" e "atiausu".

Frade, com alguma dúvida, identificou o "guaraasu" como *Micrastur semitorquatus*, posição insustentável frente às informações do texto:

Hurauasu é pássaro de rapina como francelho, como uma méloa; é um milhafre; ele é todo preto, só a cabeça e os pés que têm de cor de laranja, as penas do rabo perto do cu brancas, ele tem o bico pardo; e é um dos formosos gaviões desta terra que se ele estivera na Europa valeria muito para os fidalgos; eles são raros e se acham pouco.

Pela descrição, aliada ao desenho que mostra área privada de penas na face e a base da cauda branca, temos confiança de estar diante de um gavião-de-anta ou câ-câ dos populares, o falconídeo *Daptrius ater*.

O desenho do "atyasu" mostra um pássaro rabibongo com bico tamanho médio pontiagudo. O texto informa o seguinte:

Atiausu é mais grande alguma coisa que uma méloa e pardo e amarelo tem o bico e os pés pardo cor de cinza e faz dois filhos seus ovos são brancos.

Talvez este seja um icterídeo, mas, com as poucas informações disponíveis no texto e no desenho, estamos impossibilitados de fazer qualquer identificação mais exata.

FOLHA 95

Dois desenhos, de "inambou miry" e "araruna"; textos na folha 190 sob as denominações "inambu merim" e "araruna".

Segundo Frei Cristóvão,

Inambu merim é a perdiz desta terra e de duas castas esta é do mesmo tamanho das de Portugal e da mesma cor o bico e os pés e pardo tiram de azul não tem o gosto das nossas perdizes a carne é branca e um dos bons comeres desta terra. Fazem os filhos em cima da terra como as de Portugal. Os ovos são de cor púrpura e faz 9 e dez filhos e gritam assim de dia como de noite.

Frade identificou esta ave como *Crypturellus parvirostris*, mas se preocupou com o que interpretou como discordância no cor do bico e pés nesta espécie, "pois a cor pardo-azulado dos pés não condiz com a de *C. parvirostris*, que é vermelha". Suspeitamos que Frade não entendeu bem o que Frei Cristóvão quis dizer no texto. Para nós, a pontuação implícita no texto é como segue: "... Esta é do mesmo tamanho das de Portugal e da mesma cor o bico e os pés. É pardo tiram de azul..." Com esta pontuação, pardo-azulado se refere ao aspecto geral da ave (plumagem), não aos bico e pés, que são da mesma cor que os da perdiz de Portugal: vermelhos. Interpretando o texto assim, a descrição condiz perfeitamente com *C. parvirostris*, que põe ovos "chocolate violáceo-claro" (Sick 1985:144) e é muito comum na maior parte do Maranhão, embora seja um pouco menor do que a perdiz portuguesa.

Pinto e Frade identificaram a "araruna" como sendo a arara-una dos populares, *Anodorhynchus hyacinthinus*, opinião que é a nossa, também. Pela exatidão de seus dizeres, repetimos o texto de Frei Cristóvão aqui:

Araruna é pássaro do tamanho de um capão tem o bico e os pés de papagaio, tem o rabo de dois palmos e de azul todo vestido o invés da pena é de cor preta, o redor do bico e olhos todo amarelo, fazem os filhos num buraco de pau, tem só um filho e os ovos são brancos, o comer seu são cocos e palmitos, e me espanto pudessem quebrá-los pela fortaleza a natureza deu a este fruto que nós não podemos quebrar sem instrumentos sua carne é muito dura e negra, todas as suas penas servem aos Índios para seus aparatos e frecharia.

É interessante notar que esta espécie hoje se encontra praticamente extinta no Maranhão, quando, pelo relato de Frei Cristóvão, parece ter sido bastante encontrada nos arredores da ilha de São Luís no século XVII.

FOLHA 96

Dois desenhos, de "cabure", e de "gurauna"; textos nas folhas 190 e 191.

Concordamos com Frade, que identificou o "cabure" como sendo a corujinha que ainda hoje é chamada de caburé entre os brasileiros: *Glaucidium brasilianum*.

Segundo Frei Cristóvão,

Gurauna tem a cor toda roxo-claro: as pontas das asas e o rabo preto do tamanho de um pequena méloa do nosso Portugal faz 4 filhos seus ovos são brancos pintam de vermelho é bom para comer.

Interpretamos a cor "roxo-claro" como a maneira que Frei Cristóvão escolheu para descrever os reflexos metálicos do pássaro, que deve ser um icterídeo de cor preta com reflexos purpúreos. Como o espécie é um pouco menor que um melro da Europa, não pode ser *Scaphidura oryzivora*, bastante maior. Também não pode ser uma espécie de *Molothrus*, pois estas são parasitas e não criam os próprios filhos. Através desse processo de eliminação, chegamos à graúna-verdadeira dos populares, *Gnorimopsar chopi*, espécie que tem "geralmente postura de 4 ovos" (Sick 1985:652). Esta é também a opinião já expressa de Pinto e Frade.

FOLHA 97

Dois desenhos, de "orucuria", e de "sahi"; textos na folha 191 sob as denominações "orucurêa" e "say".

Os índios Urubu-Ka'apor do oeste do Maranhão, grupo do tronco tupi, chamam as corujas do gênero *Otus* de "urukure'a" (Balée e Oren ms.), nome idêntico àquele escrito por Frei Cristóvão. Existem duas espécies deste gênero no Maranhão, *O. choliba* e *O. watsonii*. Pelo desenho, parece que o cume da cabeça da ave possui um padrão mesclado, o que nos faz eliminar *O. watsonii*, pois este mostra um padrão sólido no topo da cabeça. Nossa conclusão, portanto, é a mesma de Frade, que identificou o "orucuria" como *Otus choliba*.

O "sahi" de Frei Cristóvão é descrito assim:

Say é pássaro pequeno do tamanho de um pintasilgo, tem a cabeça azul cor celeste e todo o corpo verde, tem bico e pés pardos cor de cinza, este faz só dois filhos seus ovos são brancos.

A fêmea de *Dacnis cayana*, o saf-azul dos brasileiros, é perfeitamente descrita neste curto texto. Wetmore *et al.* (1984), baseado em dados do Panamá, confirmam que a postura é de dois ovos brancos, embora estes sejam pintados de escuro. Nem Pinto, nem Frade arriscaram uma tentativa de identificação deste pássaro.

FOLHA 98

Três desenhos, de "guanembu", de "canide", e de "guamimbu"; textos na folha 191 sob as denominações "guanibu" e "canide".

As duas espécies de "guanibu" são descritas juntas:

Guanibu é um pássaro deste tamanho que aqui está pintado e tem de duas castas e há um que tem o rabo como uma forca e este que tem o rabo como forca é pardo pelo rabo e as asas o resto do corpo pintado de muitas cores púrpura e verde e pardo e amarelo e ouro que estando ao sol parece ouro misturado e outro é desta cor pardo tira de branco pela barriga e as asas e o rabo dum pardo tirando de preto e o resto do corpo verde parecendo ouro e é o mais pequeno pássaro desta terra ele quando vai voando parece um bergantim eles fazem muitos filhos e os ovos são brancos.

A espécie com cauda furcada, pela descrição, só pode ser o bellissimo beija-flor *Topaza pella*, cujas características condizem perfeitamente com os detalhes de cores e sua distribuição pelo corpo. Não existe base para a afirmação de Frade identificando esta avezinha como *Heliactin cornuta*, muito menor que a espécie ilustrada, com bico curtíssimo, e diversas discordâncias na plumagem.

A segunda espécie de "guanibu" certamente é o encontrado beija-flor-balança-rabo, *Glaucis hirsuta*, bem conhecido em todo o território maranhense. Não há fundamento para a identificação deste beija-flor por Frade como *Eupetomena macroura*, completamente diferente da descrição.

O "canide" ainda leva este nome entre os brasileiros. É a arara-azul-e-amarelo, *Ara ararauna*, o que já foi afirmado por Pinto e Frade.

FOLHA 99

Dois desenhos, de "arara", e de "arasoare"; textos na folha 191 sob as denominações "arara hete" e "arasoare".

Existem duas espécies de arara vermelha no Maranhão, *Ara chloroptera* e *A. macao*. As diferenças principais entre as duas consiste no maior tamanho da primeira, que possui plumas verdes na asa e pequenas penas arranjadas em fileiras na pele nua da face. No texto, Frei Cristóvão afirma que a "arara hete"

... é tamanha como o canidé... ao longo do bico e dos olhos não tem pena é cor de carne... as asas e o rabo vermelho pintadas de amarelo e azul e verde e vermelho...

Somente *Ara macao* mostra este conjunto de características. Ademais, os Urubu-Ka'apor do oeste do Maranhão atualmente chamam esta espécie de "ara-te" ("arara verdadeira") (Balée e Oren ms.), igual à denominação de Frei Cristóvão, enquanto *A. chloroptera* é chamada de "ara-hu" ("arara grande") pela mesma tribo. Por essas razões, não aceitamos a identificação da "arara hete" como *A. chloroptera*, como fez Frade.

Segundo Frei Cristóvão:

Arasoare é pássaro pouco maior que um canário e a cor é parda tirada mar e só tem os pés e o bico azul tirando de verde e os ovos brancos pintados de pardo e fazem três filhos e fazem-nos em riba dos ramos.

A ilustração mostra um pássaro com as coberteiras em contraste com o resto da asa e o bico em duas tonalidades, sendo mais escuro na metade distal. Pelo nome e a descrição, concluímos que estamos diante de uma espécie de *Thraupinae*, provavelmente do gênero *Thraupis*, o melhor candidato sendo *T. palmarum*. Mesmo assim, resta alguma dúvida, pois a base de dados é bastante tênue.

FOLHA 100

Dois desenhos, de "papagaio" ou "avurou curica", e de "maraquana"; textos na folha 192 sob as denominações "ayuru quuriqua" e na folha 193 sob a denominação "maraquana".

Segundo o texto:

Ayuru quuriqua é papagaio tamanho como uma pomba e é todo verde fora a cabeça que tem amarela e azul as pontas das asas amarelas tirando de azul-pardo as penas do rabo verde e amarelo cor de laranja eles fazem os filhinhos em buracos de paus fazem três e quatro filhinhos os ovos são brancos e quando os ensinam falam muito bem.

Esta é uma descrição quase perfeita do "papagaio-do-mangue" dos maranhenses de hoje, *Amazona amazonica*. Frei Cristóvão não descreveu o "espelho" cor de laranja na asa desta espécie, talvez baseando o desenho e o texto em indivíduos em cativeiro privados de suas penas de voo. O restante do desenho, porém, inclusive o "amarelo cor de laranja" na cauda, e azul e amarelo da cabeça, concorda perfeitamente com os detalhes de plumagem desta espécie.

O desenho do "maraquana" certamente representa uma espécie de pequena arara. Pela descrição, somos conduzidos logo a concordar com Frade, que identificou esta ave como *Ara maracana*, cujo nome científico é derivado diretamente do tupi. A denominação maracanã é ainda usada pelos populares, ao se referirem às diversas espécies de araras pequenas e periquitos grandes no Brasil.

FOLHA 101

Dois desenhos, de "outra casta de papagaio", e de "jandaya"; textos na folha 192 sob as denominações de "papagaio xia" e de "jmdaia".

Segundo Frei Cristóvão:

Papagaio xia papagaio tamanho como uma melroa tem a cabeça e o pescoço até o estômago anil e o mais corpo verde o rabo e as pontas das asas azul-mar e azul em carnal e é um dos mui formosos pássaros desta terra e quando os ensinam a falar falam muito bem e fazem os filhinhos como os outros.

Pelo tamanho e descrição da plumagem, não há dúvida quanto a esta ave tratar-se de *Pionus mens-truus*, como Frade já decifrou. Esta é a "maitaca" dos brasileiros de hoje.

Pela descrição do "jmdaia" que "desde o bico até ao estômago amarelo cor de laranja e o mais do corpo e o rabo verde..." e o nome indígena usado, não hesitamos em identificar este periquito como a

jandaya do nordeste e leste amazônico do Brasil, *Aratinga solstitialis jandaya*. Pinto e Frade chegaram a esta mesma conclusão.

FOLHA 102

Três desenhos, de "tuim ite", de "tuim doutra casta", e de "aiuru asu"; textos na folha 193 sob as denominações "tohim hite", "tohi" e "aiurui".

O desenho do "tuim ite" mostra um periquito rabilongo de pequeno porte. Pelo texto sabemos que

Tohim hite é um pequeno papagaio e todo verde tirando a metade das asas que tem amarelo e tem o bico e os pés brancos cor de carne e é um dos formosos pássaros desta terra e fala muito bem e fazem os filhinhos em buracos dos paus e fazem cinco ou seis filhinhos.

Existe um periquito muito comum no Maranhão que apresenta todas as características descritas: *Brotogeris versicolurus chiriri*. Não há base para a identificação desta espécie como *Forpus passerinus*, como Frade fez, pois esta possui cauda quadrada e nenhuma faixa amarela na asa.

Frade não teve melhor sorte em identificar o "tohi" como *Brotogeris tuipara* (= *chrysopterus*), o periquito-rico dos amazônidas. O "tohi" é descrito por Frei Cristóvão assim:

Tohi tamanho como este que arriba nomeio e é todo verde fora a coroa da cabeça que é cor de laranja e fazem seus filhinhos como os outros.

O periquito-rico apresenta laranja embaixo do bico, não na coroa. Existe somente uma espécie de psitacídeo no Maranhão com "coroa da cabeça... laranja", que é *Aratinga aurea*, o periquito-estrela. Este não apresenta o resto do corpo completamente verde, exibindo partes azuladas e acinzentadas, e é um pouco maior que *B. chiriri* (27 cm vs 21,5 cm, *apud* Sick 1985). mesmo assim, o desenho apoia esta posição, mostrando, de fato, um periquito ligeiramente maior que "tuim ite", com bico mais forte, e toda a coroa de cor diferente da do corpo. Apesar da falta de concordância completa, o que deixa um pouco de dúvida, identificamos o "tohi" como pertencente a *Aratinga aurea*.

Pela descrição, é fácil identificar o "aiurui":

Aiurui é papagaio e mais pequeno que uiriquiriqua e tem o corpo todo amarelo e as pontas das asas verdes e é um pássaro que sabe muito bem falar e faz seus filhinhos como os outros.

Sem dúvida, esta é a ararajuba dos populares, *Aratinga guarouba*, endêmica às florestas do oeste do Maranhão e leste do Pará (Oren e Novaes 1986). Frade já chegou a esta mesma conclusão.

FOLHA 103

Dois desenhos, de "papagaio aiuruite", e de "quereiuhi"; textos na folha 192 e 193 sob as denominações "haiuru hite" e "quereiuhi".

Tanto Pinto como Frade já identificaram o "papagaio aiuruite" como sendo a espécie de psitacídeo que ainda leva este nome entre populares brasileiros:

Amazona aestiva. Concordamos plenamente com esta posição.

Quanto ao "quereiuhi", nem Pinto, nem Frade tentaram identificar a espécie. Segundo Frei Cristóvão:

Quereiuhi é pássaro tamanho como um tentilhão de Portugal e tem o bico e os pés de um pardo preto e depois do bico até o rabo por riba das costas azul-claro e as penas grandes das asas e o rabo preto e o papo puplora e do papo até o rabo azul e é um pássaro muito estimado entre os negros e lhe servem de pôr no estômago quando fazem seus pareseis.

Com esta descrição, não há dúvida de que o missionário estava se referindo a *Cotinga cayana*, belo representante da família Cotingidae cujas penas são muito utilizadas na fabricação de arte plumária (Ribeiro e Ribeiro 1957). É, hoje em dia, popularmente conhecido como "anambé-azul". É verdade que esta espécie é consideravelmente maior que o tentilhão europeu (*Fringilla coelebs*), mas consideramos isso um lapso de Frei Cristóvão.

FOLHA 104

Dois desenhos, de "jeroti" ou "pomba", e de "chereuiuba"; textos na folha 193 sob as denominações "yoroti" e "cheriuiuba".

Frade, com alguma dúvida, identificou o "jeroti" como *Leptotila verreauxi*, baseado principalmente no fato desta espécie ser chamada de "juriti" pelos brasileiros atuais. Esta posição não é sustentável frente ao desenho, que carece de qualquer indicação de branco na cauda ou outra característica que aponte para esta conclusão. O texto não acrescenta muito:

Yoroti é pomba do mato e tamanha como a da nossa Europa e tem a mesma cor tem a mesma virtude como as de nossa Europa que quando o macho morre não se torna a fêmea a casar e também quando a fêmea morre não se torna o macho a casar e depois que um fica viúvo não se põe mais em riba dos ramos verdes e os negros as dão a comer as mulheres para não terem conversação com outro homem e fazem dois filhos;

O fato de ser o tamanho e da cor da pomba européia mais comum de Portugal (*Columba palumbus*) nos leva a concluir que o desenho e o texto se referem a um membro do mesmo gênero ou parente próximo nativo do Maranhão. Entre os candidatos, destacam-se *C. cayennensis*, *C. plumbea*, e *C. subvina- cea*. Por falta de base mais firme, identificamos o desenho como sendo de *Columba* sp.

Quanto à outra espécie ilustrada, Frei Cristóvão comenta:

Cheriuiuba é pássaro do tamanho do outro e é todo azul tirando verde-mar desde baixo do bico até ao estômago e cor de laranja e as penas grandes das asas e o rabo preto e os pés e o bico pardo e os negros o têm em muita estima como o outro e são muito raros e se vêem poucos.

O desenho mostra a ave com peito e encontro da asa contrastantes com o resto da plumagem, su-

gerindo o icterídeo campestre *Leistes militaris*. Esta espécie não tem nada em comum com a descrição, com exceção de ter "laranja" ou vermelho na plumagem. Frade identificou o desenho como sendo de *Passerina cyanooides*, o azulão dos populares. Não podemos aceitar esta posição, que destoa tanto do desenho como do texto. Como Frei Cristóvão sustenta que "são muito raros e se vêem poucos", supomos que ele não tenha visto o "cheriuiuba" vivo, talvez dependendo de artefatos de arte plumária e relatos de indígenas para a base desta descrição. "Cheriuiuba" é desenhado de maneira idêntica à figura na mesma posição na folha anterior, designado por nome com a mesma raiz. Se "quereiuhi" da folha 103 é *Cotinga cayana*, o presente deve ser *Cotinga cotinga*. Quanto às partes "laranjas", *C. cotinga* é conhecida entre os Urubu-Ka'apor como "pita'e" ("ente: vermelho" ou "coisa vermelha"), sendo a fonte principal de penas roxas para a arte plumária (Balée e Oren ms). O "laranja" de Frei Cristóvão pode ser resultado de confusão com a noção indígena da cor vermelha, muito distinta da ocidental. Com estes argumentos, achamos ter base suficiente para identificar o "cheriuiuba" como o macho adulto de *Cotinga cotinga*.

FOLHA 105

Dois desenhos, de "pucasu", e de "pocohi"; textos nas folhas 193 e 194 sob as denominações "puquasu" e "poquohi".

Como já foi notado por Frade, o nome "puquassu" e suas variações são aplicados atualmente à espécie *Columba cayennensis*, presente no Maranhão e bastante comum em certos habitats. Frei Cristóvão escreveu, de fato, somente um brevíssimo texto:

Puquasu é como pomba brava do nosso Portugal da mesma forma e feito e é muito bom comer e são raras e se vêem poucas e fazem dois filhos.

A raridade da espécie relatada no texto destoa da realidade atual desta ave, mas podemos supor que por ser "muito bom comer", a pressão de caça na época tivesse dizimado os estoques perto de São Luís, justificando a constatação de Frei Cristóvão. Como *C. cayennensis* se aproxima mais da pomba brava da Europa do que de qualquer outro membro maranhense desta família, somos conduzidos a concordar com a identificação anterior de Frade.

Segundo Frei Cristóvão:

Poquohi é uma pequena pomba e da mesma cor e há muito grande quantidade e é muito bom comer e fazem dois filhos e os ovos são brancos.

Frade identificou esta ave como sendo *Columbina talpacoti*. Os índios de tronco tupi do Maranhão da atualidade agrupam esta espécie junto com as "jurutis" do gênero *Leptotila*, reservando a designação "pucu-i" e variações para os menores representantes do gênero *Columbina*, ou seja, para *C. passerina* e *C. minuta* (Balée e Oren ms). Na região de

São Luís existe unicamente o primeiro destes, o segundo sendo bastante contraditório no interior mais seco. Por isso, identificamos o "poquohi" de Frei Cristóvão como sendo *Columbina passerina*.

FOLHA 106

Dois desenhos, de "anu", e de "tihe mirim"; textos na folha 194.

O "anu" de Frei Cristóvão, apesar de ser apresentado no desenho com disposição incorreta dos dedos do pé: todos os cuculídeos mostram a condição "zigodáctila", com dois dedos (o segundo e o terceiro) direcionados para frente e dois (o primeiro e o quarto) para trás, certamente é membro do gênero *Crotophaga*, com dois representantes no Maranhão. Frade identificou a ilustração como sendo de *C. ani*, muito comum em ambientes abertos em todo o Brasil. O texto, porém, não conduz a esta única conclusão:

Anu é um pássaro tamanho como o punho e é todo preto e a sua habitação é pelas capoeiras e a borda dos rios ele não se come e fazem quatro filhos.

Crotophaga ani, é certo, habita as capoeiras, mas a espécie *C. major* tem como seu domínio as margens dos cursos e corpos de água, o que poderia levar-nos a concluir que o "anu" de Frei Cristóvão se referisse a ambas as espécies, devendo ser designado *Crotophaga* spp. O desenho, contudo, mostra o bico com o formato do bico de *C. ani*, sendo o do congênera muito mais alto. Por isso, podemos afirmar que o desenho realmente retrata *C. ani*, sustentando a posição de Frade.

Ao considerar o segundo desenho, o religioso escreveu:

Tihe mirim é um passarinho tamanho como um canário e é todo preto fora a cabeça que tem vermelha como sangue e cantam muito bem cantigas do mato.

Concordamos com a identificação anterior de Frade, que colocou o "tihe mirim" na espécie *Pipra rubrocapilla*, sendo do macho adulto o desenho e a descrição. Curiosamente, Pinto não tentou uma identificação deste pássaro. É interessante notar a informação errônea, ainda corrente entre os populares, que atribui uma voz bonita a este passarinho, o que não tem base em fatos e sim em suposições que ligam uma bela plumagem a vocalizações correspondentes.

FOLHA 107

Dois desenhos, de "andura morcego", e de "mayria"; textos na folha 194 sob as denominações "andura" e "mariahiria".

Como, Plínio, o sábio romano, Frei Cristóvão incluiu os morcegos entre as aves (Sick 1985). Pelo texto é fácil perceber que, no caso de "andura morcego", o religioso descreveu uma espécie de quiróptero hematófago, popularmente conhecida como o "morcego vampiro", da família Desmodontidae:

Amdura é o morcego e... se uma pessoa dorme com os pés descobertos vem morder nos dedos dos pés e principalmente no dedo grande e faz botar muito sangue...

O segundo desenho é de um pássaro descrito no texto como sendo completamente preto, fora a cabeça, que é "branca como neve". Concordamos com a identificação prévia de Frade, que determinou este como sendo um macho do pequeno tiranfideu *Arun-dinicola leucocephala*.

FOLHA 108

Dois desenhos, de "jacami", e de "catoí"; texto somente do primeiro na folha 194 sob a denominação "iacami", o segundo sem texto correspondente.

O primeiro desenho, do "jacami", é do gênero de aves que ainda leva este nome entre os brasileiros, *Psophia*, endêmico à região amazônica. Pinto não tentou identificar o desenho, provavelmente por causa da falta de registro da ave para o Maranhão em tempos recentes. Entretanto, comprovamos pessoalmente que a espécie ainda habita diversas localidades no oeste do Estado em remanescentes de matas úmidas, cabendo a Frei Cristóvão o primeiro registro confiável do jacamin para a região. Frade acertou na identificação do gênero, mas cometeu um equívoco ao colocar o jacamin maranhense na espécie *P. crepitans*, forma que vive exclusivamente ao norte do rio Amazonas. O jacamin do Maranhão é *P. viridis viridis*, de dorso esverdeado, cujo domínio se estende, a oeste, até o rio Tocantins.

O desenho do "catoí" não é acompanhado por texto, mas mostra um pássaro de plumagem cheia de manchas e de bico exageradamente aberto com a língua para fora. Frade imaginou, sem base, que este fosse uma espécie de columbídeo, *Claravis pretiosa*, posição que achamos insustentável. A única ave maranhense que assume esta postura ao cantar é a araponga dos populares, cujo representante na região é *Procnias averano*. Mesmo que o desenho não represente bem as características de plumagem e o "barbilhão" do macho, a voz da araponga é tão marcante que conduz qualquer pessoa interessada em história natural a procurar a origem do som. Como o pássaro escolhe os galhos mais altos das árvores para cantar, podemos imaginar que Frei Cristóvão nunca conseguiu vê-lo de perto, baseando o desenho em observações feitas de longe e em informações complementares de indígenas.

FOLHA 109

Dois desenhos, de "motu do Para", e de "motu do Para doutra casta"; textos na folha 194 sob as denominações "motum do Para" e "o outro motum".

O "motu do Para" é mostrado com uma saliência no cume do bico, sendo este descrito no texto como de cor vermelha ("bico curvo rombo e vermelho todo"), a ave tendo o tamanho de um peru. Bastam estas poucas informações para identificar esta

ave como o mutum cavalo dos brasileiros de hoje, *Mitu mitu*, posição já assumida por Pinto. Frade cometeu um equívoco ao chamar esta ave de *Crax fasciolata*.

"O outro mutum" é descrito como sendo semelhante ao primeiro, porém com o bico amarelo e a crista muito grande. Este certamente é a mesma espécie desenhada na folha 90, *Crax fasciolata*, neste caso sendo o macho representado no desenho, enquanto a folha 90 retrata a fêmea. Com o desenho e o texto bem claros, não podemos apoiar a posição de Frade, que colocou "o outro mutum" na espécie *Mitu mitu*.

SEM DESENHO

Texto de "ynambuasu" na folha 188.

Esta é a única ave descrita sem desenho acompanhante, mas o texto fornece informações detalhadas:

Ynambuasu quer dizer perdiz ela é tamanha como um capão grande e fazem seus filhos em riba da terra ao pé dos paus e fazem dez e doze ovos e os ovos são azuis verde-mar e os ovos são maiores que ovos de galinha e é um pássaro dos melhores desta terra para comer e é partido.

Certamente, este inhambu é a espécie *Tinamus tao*, indicada como extinta no Maranhão na suposição de Frade, baseada em colocações de Pinto (1964). Podemos afirmar que *T. tao*, a azulona dos populares, ainda se encontra nos remanescentes de floresta úmida do oeste do Maranhão, estando, porém, entre os elementos ameaçados de extinção no futuro próximo, se não forem tomadas medidas energéticas de proteção ao seu hábitat.

RESUMO TAXONÔMICO DAS AVES DE FREI CRISTÓVÃO

Família Rheidae

Rhea americana, "hema yandu" no desenho folha 88, "yamdu" no texto folha 188.

Família Tinamidae

Tinamus tao, sem desenho, "ynambuasu" no texto folha 188.

Crypturellus soui e *C. undulatus*, "cara copitangua" no desenho inf. folha 90, "caraquopitam" no texto folha 188.

Crypturellus parvirostris, "inabou miry" no desenho sup. folha 95, "inambu merim" no texto folha 190.

Família Phalacrocoracidae

Phalacrocorax olivaceus, "ayapa" no desenho inf. folha 79, "aiapa" no texto folha 185.

Família Anhingidae

Anhinga anhinga, "migua" no desenho sup. folha 79 e no texto folha 185.

Família Ardeidae

Ardea cocoi, "magary" e "maguari" no desenho folha 76, "maguarim" no texto folha 185.

Casmerodius albus, "guringa osu" no desenho folha 77, "guratinguaosu" no texto folha 184.

Egretta thula, "guringua mirim" no desenho sup. folha 78, "guratinguamerim" no texto folha 185.

Florida caerulea, "acara obu" no desenho inf. folha 78 e no texto folha 185.

Nyctanassa violacea, "tamatian" no desenho folha 85 e no texto folha 187.

Família Ciconiidae

Mycteria americana, "jaboru" no desenho folha 75 e no texto folha 184.

Jabiru mycteria, "toyeaiu" no desenho folha 74, "teieiu" no texto folha 184.

Família Threskiornithidae

Mesembrinibis cayennensis, "guarauna" no desenho sup. folha 82, "guarauh" no texto folha 186.

Eudocimus ruber, "guara" no desenho inf. folha 84, "guoara" no texto folha 187.

Ajaia ajaja, "ayaia" e "colherereira" nos desenhos sup. folha 80, "agaga" no texto folha 185.

Família Anatidae

(*Dendrocygna viduata*, *D. autumnalis* e *Amazonetta brasiliensis*), "potori" e "marreca" no desenho inf. folha 81, "poteri" no texto folha 185.

Cairina moschata, "upeca" no desenho sup. folha 81, "upequa" no texto folha 185.

Família Accipitridae

Harpia harpyja, "guraasu ou gavião" no desenho folha 89, "gurausu" no texto folha 188.

Família Falconidae

Daptrius ater, "guaraasu" no desenho sup. folha 94, "hurauasu" no texto folha 190.

Família Cracidae

Ortalis motmot superciliaris, "aracoam" e "caracoam" no desenho cen. folha 91, "caracoam" no texto folha 189.

Penelope superciliaris, "jacu" no desenho sup. folha 91, "iaqu" no texto folha 188.

Mitu mitu, "motu do Para" no desenho sup. folha 109, "mutum do Para", no texto folha 194.

× *Crax fasciolata*, "motum" no desenho sup. folha 90 e no texto folha 188; "motu do Para doutra casta" no desenho inf. folha 109, "o outro motu" no texto folha 194.

Família Aramidae

Aramus guarauna, "caran" no desenho sup. folha 83, "carão" no texto folha 186.

Família Psophiidae

Psophia viridis, "jacami" no desenho sup. folha 108, "iacami" no texto folha 194.

Família Jacanidae

Jacana jacana, "avapeasoca" no desenho inf. folha 82, "aupessoca" no texto folha 186.

Família Scolopacidae

Calidris spp., "totui" no desenho inf. folha 83, "toitoy" no texto folha 186.

Família Rynchopidae

Rynchops nigra, "atyasu" no desenho inf. folha 80, "atiasu" no texto folha 185.

Família Columbidae

Columba sp., "jeroti" e "pomba" no desenho sup. folha 104, "yoroti" no texto folha 193.

Columba cayennensis, "pucasu" no desenho sup. folha 105, "puquasu" no texto folha 193.

Columbina passerina, "pocohi" no desenho inf. folha 105, "poquohi" no texto folha 194.

Família Psittacidae

× *Anodorhynchus hyacinthinus*, "araruna" no desenho inf. folha 95 e no texto folha 190.

Ara ararauna, "canide" no desenho cen. folha 98, "canide" no texto folha 191.

Ara macao, "arara" no desenho sup. folha 99, "arara hete" no texto folha 191.

× *Ara maracana*, "maraquana" no desenho inf. folha 100 e no texto folha 193.

Aratinga guarouba, "aiuru asu" no desenho inf. folha 102, "aiurui" no texto folha 193.

Aratinga solstitialis jandaya, "jandaya" no desenho inf. folha 101, "jimdaia" no texto folha 192.

Aratinga aurea, "tuim doutra casta" no desenho cen. folha 102, "tohi" no texto folha 193.

Brotogeris versicolurus chiriri, "tuim ite" no desenho sup. folha 102, "tohim hite" no texto folha 193.

Pionus menstruus, "outra casta de papagaio" no desenho sup. folha 101, "papagaio xia" no texto folha 192.

Amazona aestiva, "papagaio aiuruite" no desenho sup. folha 103, "haiuru hite" no texto folha 192.

Amazona amazonica, "papagaio" e "avurou curica" no desenho sup. folha 100, "ayuru quuriqua" no texto folha 192.

Família Cuculidae

Crotophaga ani, "anu" no desenho sup. folha 106; *Crotophaga* spp., "anu" no texto folha 194.

Família Strigidae

Otus choliba, "orucuria" no desenho sup. folha 97, "orucurêa" no texto folha 191.

Glaucidium brasilianum, "cabure" no desenho sup. folha 96 e no texto folha 190.

Família Trochilidae

Glaucis hirsuta, "guamimbu" no desenho inf. folha 98, "guanibu" no texto folha 191.

Topaza pella, "guanembu" no desenho sup. folha 98, "guanubu" no texto folha 191.

Família Alcedinidae

Ceryle torquata, "ovarianan" no desenho sup. folha 84, "guariama" no texto folha 187.

Família Ramphastidae

Pteroglossus aracari, "vreve tocano" no desenho inf. folha 93, "vreve" no texto folha 190.

Pteroglossus bitorquatus, "arasary" e "arasari tocano" no desenho sup. folha 86, "arasarij" no texto folha 187.

Ramphastos vitellinus ariel, "toquana" no desenho sup. folha 93, "tocano" no texto folha 189.

Ramphastos tucanus, "vacho ou tocano" no desenho folha 87, "guahi" no texto folha 187.

Família Picidae

Campephilus melanoleucos, "opecu" no desenho inf. folha 92, "opequ" no texto folha 189.

Família Cotingidae

Cotinga cayana, "quereiuihi" no desenho inf. folha 103, "quereiuihi" no texto folha 193.

Cotinga cotinga (?), "chereiuiuba" no desenho inf. folha 104, "cheriuiuba" no texto folha 193.

Procnias averano, "cato" no desenho inf. folha 108.

Família Pipridae

Pipra rubrocapilla, "tite mirim" no desenho inf. folha 106 e no texto folha 194.

Chiroxiphia pareola, "tinguara" no desenho inf. folha 91 e no texto folha 189.

Família Tyrannidae

Arundinicola leucocephala, "mayria" no desenho folha 107, "mariahiria" no texto folha 194.

Tityra cayana, "ouyta opian" e "guahi tocano" no desenho inf. folha 86, "apiha" no texto folha 187.

Família Icteridae

Cacicus cela, "japihi" no desenho sup. folha 92, "yapehi" no texto folha 189.

Gnorimopsar chopi, "gurauna" no desenho inf. folha 96 e no texto folha 191.

Família Emberizidae

Dacnis cayana, "sahi" no desenho inf. folha 97, "sahy" no texto folha 191.

Thraupis palmarum (?), "arasoare" no desenho inf. folha 99 e no texto folha 191.

AGRADECIMENTOS

Somos gratos a José Maria Cardoso da Silva e ao editor Luiz P. Gonzaga pela revisão do manuscrito, a Johann Becker e a um revisor anônimo por comentários sobre o texto, e ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pela bolsa de pesquisa que dá apoio a nossas atividades relacionadas ao estudo da avifauna maranhense.

REFERÊNCIAS

- d'Abbeville, C. (1614) *Histoire de la mission des pères capucins en l'isle de Maragnan et terres circonvoisines*. Paris.
- Balée, W. e D. C. Oren. (ms.) Etno-ornitologia dos Índios Urubu-Ka'apor do oeste do Maranhão.
- Blake, E. R. (1977) *Manual of Neotropical birds*, 1. Chicago: University of Chicago Press.
- de Camargo, E. A. (1957) Resultados ornitológicos de uma excursão ao estado do Maranhão. *Pap. Avul. Zool.*, S. Paulo, 13:75-84.
- Cristóvão de Lisboa. (1967) *História dos animais e árvores do Maranhão (com estudo e notas do Dr. J. Walter)*. Lisboa: Arquivos Históricos Ultramarinos e Centro de Estudos Ultramarinos.
- Delacour, J. e D. Amadon. (1973) *Curassows and related birds*. New York: American Museum of Natural History.
- Frade, F. (1984) Comentário zoológico relativo à *História dos Animais e Árvores do Maranhão (1625-1631)*, de Frei Cristóvão de Lisboa, II - Aves. *Garcia de Orta, Ser. Zool.*, Lisboa, 11:5-20.
- Garcia, R. (1975) Introdução. In: C. d'Abbeville, *História da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão e terras circunvizinhas*. Trad. Capistrano de Abreu. São Paulo: Itatiaia, Editora da Universidade de São Paulo. p. 9-12.
- Goeldi, E. A. (1894) *As aves do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria Clássica de Alves e Companhia.
- Ihering, R. v. (1941) *Dicionário dos animais do Brasil*. São Paulo: Departamento de Agricultura.
- Jensen, A. A. (1988) *Sistemas indígenas de classificação de aves: aspectos comparativos, ecológicos e evolutivos*. Belém, Pará: Museu Paraense Emílio Goeldi.
- Lichtenstein, M. H. K. (1819) Die Werke von Marcgrave und Piso über die Naturgeschichte Brasiliens erläutert aus den wieder aufgefundenen Original Abbildungen. *Abh. Kön. Akad. Wiss. in Berlin* (1816-1817):155-178.
- Marcgrave, G. (1648) *História Naturalis Brasiliae*. Amsterdã.
- Morrison, R. I. G., R. K. Ross e P. de T. Z. Antas. (1986) Distribuição de maçaricos, baturas e outras aves costeiras na região do salgado paraense e reentrâncias maranhenses. *Espaço, Ambiente e Planejamento*, Rio de Janeiro, 1:1-135.
- Novaes, F. C. (1981) Sobre algumas aves do litoral do Estado do Pará. *Anais Soc. Sul-riograndense Orn.* 2:5-8.
- Oren, D. C. e F. C. Novaes. (1986) Observations on the Golden Parakeet *Aratinga guarouba* in northern Brazil. *Biol. Conserv.* 36:329-337.
- Pinto, O. M. de O. (1938) Catálogo das aves do Brasil, 1ª parte. *Rev. Mus. Paul.* 22:1-566.
- (1942) Comentários da parte ornitológica. In: G. Marcgrave, *História Natural do Brasil*. São Paulo: Museu Paulista. p. LXV-LXXVII.
- (1944) *Catálogo das aves do Brasil*, 2ª parte. São Paulo: Departamento de Zoologia, Secretaria de Agricultura.
- (1964) *Ornitologia brasileira*, 1. São Paulo: Departamento de Zoologia, Secretaria de Agricultura.
- (1979) *A ornitologia do Brasil através das idades (século XVI a século XIX)*. São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais (Brasiliensia Documenta, 13).
- Ribeiro, D. e B. Ribeiro. (1957) *Arte plumária dos Índios Kaapor*. Rio de Janeiro: Offset-Gráfica Seikel.
- Roth, P. G. e D. A. Scott. (1987) A avifauna da baixada maranhense. In: Seminário sobre Desenvolvimento Econômico e Impacto Ambiental em Áreas de Trópico Úmido Brasileiro - a Experiência da CVRD, Belém, 1986. *Anais...* Rio de Janeiro: Companhia Vale do Rio Doce. p. 117-128.
- Santos, E. (1952) *Da ema ao beija-flor*. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: F. Briguiet.
- Schneider, A. (1938) Die Vogelbilder zur Historia Natural Brasiliae des Georg Marcgrave. *J. Orn.* 86:74-106.
- Sick, H. (1985) *Ornitologia brasileira: uma introdução*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Teixeira, D. M. (1986) *As fontes do paraíso: um ensaio sobre a ornitologia no Brasil holandês (1624-1654)*. Dissertação de Mestrado não publicada. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Todd, F. S. (1979) *Waterfowl: ducks, geese and swans of the world*. San Diego: Sea World Press.
- Wetmore, A., R. F. Pasquier, and S. L. Olson. (1984) *The birds of the Republic of Panama, part 4*. Washington, D. C.: Smithsonian Institution Press.